

Preço da Moratória

Como tudo que nasce da demagogia e nela se alimenta, a moratória na dívida externa brasileira só aos poucos está revelando sua verdadeira face. Lá fora, os bancos jogam os créditos contra o país definitivamente nas reservas para devedores duvidosos. Os *spreads* (sobretaxas) dos empréstimos de curto prazo aumentam, e grandes empresas multinacionais, como a Volkswagen, anunciam definitivamente sua intenção de protelar investimentos.

Alguns dos autores dessa estratégia, como o ex-ministro Dilson Funaro, já estão fora de cena, pensando em carreiras montadas à custa de uma fachada que não irá desmoronar diretamente em sua cabeça, nem tem relações diretas de causa e efeito para o eleitorado emocional ou inculto. Outros, que se escondem nos bastidores econômicos do PMDB, passam a responsabilidade adiante. A fatura é do Brasil e não dos que a criaram.

É trágico que os brasileiros tenham que pagar o preço da derrubada de uma estratégia pobre e provinciana, montada em cima da pressuposição de que a suspensão do pagamento de juros aos bancos privados estrangeiros provocaria quebras de instituições financeiras em cascata. O Brasil não tem esse cacife todo, e as provas disso estão aí para os ingênuos negociadores: transformaram o país em um mau risco, em um risco ainda mais alto, elevaram os custos dos empréstimos e continuaram mantendo nossas contas externas da mão para a boca, sem que se saiba o que irá acontecer no fim do mês, para não falar no *overnight*.

Ao protelarem as negociações da dívida externa, os estrategistas e as estrategistas detrás dos bastidores econômicos do PMDB produziram uma nação mais vulnerável à desnacionalização, justo o oposto do que pregavam. Tendo como pano de fundo a recessão, querem os teóricos da moratória 7 bilhões de dólares em dinheiro novo, o que é uma contradição risível. Usam os bancos como espantalhos, agridem as instituições financeiras internacionais e pedem mais dinheiro emprestado. Como foi possível ao Brasil chegar a esses limites de irracionalidade senão pelo provincianismo que se apoderou da administração federal em vários escalões?

Certamente existem saídas, mas essas saídas não serão encontradas fora de um retorno do país às mesas de negociação, fora de um entendimento com o Fundo Monetário e as instituições internacionais de crédito. O que torna o país mais forte é a arte do diálogo e da composição de interesses, porta que ainda está aberta se houver inteligência suficiente para encaminhar a reconversão da dívida externa em investimento.

É evidente que isto requer uma participação muito mais ativa da iniciativa privada, e é certamente por isso que a burocracia provinciana e desnacionalizante resiste a abrir mão dos cordões de controle de cada projeto, de cada passo. No fundo, o que lhes interessa é o poder e o privilégio burocrático concedido pelas cadeiras confortáveis nos gabinetes de Estado, ainda quando estejam levando o país para a recessão e aumentando a vulnerabilidade da economia nacional.